

OBSERVAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE: PRIMEIROS PASSOS

OBSERVATION AND TEACHING PRACTICE: FIRST STEPS

Carolina Spillari CORONEL¹

RESUMO: Relato de prática de observação, baseado em “Observação, Registro e Reflexão - Instrumentos Metodológicos I”, de Madalena Freire Weffort *et al.* (1996). Nessa obra, a ação se volta para a teoria e a teoria, para a prática. O caminho metodológico do educador, pode percorrer o de leitor, escritor e pesquisador ao mesmo tempo, com o registro do fazer pedagógico. Percorremos uma parte do percurso ilustrado por Weffort em um trabalho solicitado por nossa Licenciatura em Letras - Português a Distância. Fomos até uma escola estadual rural de Ensino Fundamental da região de Santa Maria (RS) acompanhar duas salas de aula de 2º e 4º ano do Ensino Fundamental. Além disso, fizemos uma entrevista com uma professora de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental a fim de traçar um panorama das práticas pedagógicas em diferentes anos e elaborar um relatório sobre o que foi observado.

PALAVRAS-CHAVE: Observação; Docência; Educação.

ABSTRACT: Report of observation practice, based on "Observation, Recording and Reflection - Methodological Instruments I", by Madalena Freire Weffort *et al.* (1996). In this work, the action turns to theory and theory to practice. The methodological path of the educator can follow that of reader, writer and researcher at the same time, with the record of pedagogical practice. We covered a part of the route illustrated by Weffort in a work requested by our Licentiate of Arts - Distance Portuguese. We went to a rural state elementary school in the region of Santa Maria (RS) to follow two classrooms of the 2nd and 4th grades of Elementary School. In addition, we conducted an interview with a Portuguese language teacher from the 6th grade of Elementary School in order to draw an overview of pedagogical practices in different years and prepare a report on what was observed.

KEYWORDS: Observation; Teaching; Education.

¹ Graduanda do Curso Letras – Português Licenciatura a Distância, na Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: carolinacoronel.aluno@unipampa.edu.br

1 Introdução

Nosso trabalho retrata uma atividade de observação de uma escola proposta pela disciplina Prática Pedagógica e Seminário Integrador I e faz parte do Curso de Letras - Português - Licenciatura a Distância (EAD), da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Jaguarão, município situado ao sul do Rio Grande do Sul. Suas origens remontam a um acampamento militar (IBGE, 2023). Depois da permanência de uma guarda de 200 homens no local, em 1801, surgiu Jaguarão. O nome teria sido originado de jaguar, que significa “onça” em tupi-guarani ou seria uma variação de “jaguanharação”, cão bravo ou onça brava. No plano acadêmico, a graduação Letras Português - Licenciatura a Distância foi autorizada pelo MEC em 2015. A oferta inicial foi de 150 vagas entre os polos dos municípios de Alegrete, Jaguarão (sede) e Santana do Livramento, com o prazo entre quatro e oito anos para integralização da carga horária (Universidade Federal do Pampa, PDI, 2023, p. 17). A intenção da Universidade é expandir o curso para São Gabriel e para todos os campi que solicitarem o curso para o ofertarem em suas dependências.

Oportunizado pelo curso mencionado, nosso relato de atividade pedagógica começa com a leitura do livro “Observação, Registro e Reflexão - Instrumentos Metodológicos I”, de Madalena Freire Weffort *et al.* (1996). Durante a leitura, registramos passagens da obra em anotações que formaram uma mistura de mapa semântico, mapa mental e ficha catalográfica em um caderno. Em seguida, passamos para a observação, ação justificada na prática, pois é o primeiro contato da discente com a escola. Ao final do curso, a escola observada será a provável escola para estágio docente, pois está próxima ao local de nossa residência.

Sob uma perspectiva teórica, justificamos o método de investigação científica dentro de uma perspectiva da autora que prevê levar a teoria para a prática e a prática pela teoria (Weffort *et al.*, 1996). Para isso, o caminho metodológico é o registro do fazer pedagógico, pois o educador pode ser leitor, escritor e pesquisador ao mesmo tempo. Durante as observações, fizemos anotações nas salas, o que constituiu, ao final, um relatório da experiência.

Outro motivo de se registrar o fazer pedagógico está na possibilidade de reformular o que foi feito, pois se não foi anotado, não há como rever ou melhorar as ações pedagógicas. Ficamos atentos ao processo criativo do ser sensível e anotamos as linguagens verbais e não verbais das salas de aula observadas. Assim, nosso objeto de estudo foi a observação da prática reflexiva sobre a ação pedagógica com finalidade de dar sentido à educação. Nossa hipótese básica é que a educação só terá sentido se estiver associada à reflexão de sua prática. Esse processo faz parte da formação permanente do professor.

1.1 Metodologia (Como? Com quê? Onde? Quanto?)

Observamos a Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande, situada no 4º Distrito de Santa Maria, próxima ao Balneário Ouro Verde. Considerada uma escola de campo, é a única escola do distrito. É voltada para o Ensino Fundamental. Sua história começa em 22 de maio de 1937, quando foi criada pelo decreto 6.521 do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Escola Arroio Grande, PPC, 2023, p. 3). Logo passou a se chamar Escola Rural André Pozzobon, em homenagem ao primeiro professor da região. Ao longo de sua história, a escola já contou com diversos nomes: Escola Rural Vitório Pozzobon, Escola Integrada de 1º e 2º Grau Vitório Pozzobon, até chegar a denominação atual: Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande.

Como fomos observar para registrar, não escolhemos um método de abordagem (indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo e dialético). Quanto ao método de procedimento, observamos duas salas de aula das séries iniciais do Ensino Fundamental: 2º e 4º anos. Pudemos compará-las, valendo-nos então do método comparativo. Ainda realizamos uma entrevista com uma professora de Língua Portuguesa que lecionou do 6ª ao 9ª ano do Ensino Fundamental. Em relação às técnicas, valemo-nos da observação assistemática, não-participante, individual e da vida real para obter aspectos da realidade. Outra técnica utilizada foi a entrevista semi-estruturada, com um roteiro pré-determinado, mas aberto a outras questões que surgiram durante a entrevista.

2 Delimitação do universo

Observamos duas salas de aula, uma do quarto ano, e outra do segundo ano do Ensino Fundamental da Escola Arroio Grande, em Santa Maria. A Escola Estadual Arroio Grande está situada no 4º Distrito de Santa Maria, próxima ao Balneário Ouro Verde. Considerada uma escola de campo, é a única escola do distrito, com 120 alunos. É voltada para o Ensino Fundamental. Uma sala de aula é cedida para 27 crianças da pré-escola, oriundas da escola municipal Tancredo Penna de Moraes, do distrito de Nova Palma. A escola atende a alunos que residem em Arroio Grande, nas proximidades da Estrada de Três Barras, em Santa Maria, e residem nas cidades vizinhas de Restinga Seca, Silveira Martins e Itaara.

O expediente da escola se dá em dois turnos: à tarde (13h às 17h) estão na escola as crianças da pré-escola até o quarto ano. De manhã (das 7h30 às 11h30), estudam os alunos do 5º ano em diante. Do 6º ao 9º ano, a língua inglesa é ensinada. Por ser optativa, a língua espanhola não foi ministrada, pois nenhum aluno optou por ela, como explicou a direção da escola. Os alunos são da região, e não há alunos vindos de outros países ou estados (migrantes). Essa questão faz parte do roteiro de perguntas à observação escolar, que pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 1 - Perguntas prévias à observação escolar:

Nome
Localização
Comunidade que atende
Número de turmas e alunos
Funcionamento (diurno e/ou noturno)
Possui alunos migrantes?
Oferece língua estrangeira?
Oferece oficinas sobre tecnologia?
Outras ações relevantes.
Vocês podem ampliar as questões com outros pontos que enriqueçam a descrição da Escola.

Fonte: Disciplina de Prática Pedagógica e Seminário Integrador I

Outra questão do roteiro de perguntas diz respeito às oficinas de tecnologia. Para isso, a escola disponibiliza 30 “Chromebooks” para navegação na web, além de adotar a plataforma de leitura Elefante Letrado, software do Governo do Estado que visa estimular a leitura por meio virtual, com jogos e pontuações. Para dar continuidade a esse projeto tecnológico, a escola pretende melhorar o acesso aos computadores em uma sala “maker” com o propósito de criar mídias, com uma mesa, materiais de pintura e recortes. Esse espaço será apropriado para ouvir histórias, assistir vídeos ou destinado a criações artísticas. Antes de partir para a construção da sala tecnológica, a direção pretende consertar o telhado e as goteiras. Para melhorar a conectividade, pretendem remodelar toda a rede de internet, com a unificação do sinal. Outra vocação alimentada pela escola é a ligação ao universo das artes. A escola recebe poetas, músicos e escritores em palestras, shows e contação de histórias. Nos passeios que fazem até a cidade utilizando ônibus escolar, os alunos já foram à Feira do Livro de Santa Maria, ao teatro e ao Clube Campestre Dores, um dos maiores esportivos do estado do RS.

Além disso, a escola dispõe de corpo de professores formado por um total de 14 regentes de classe para atender os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. No que tange ao tamanho, a escola dispõe de seis salas de aula, uma biblioteca pequena, uma sala de recursos, uma sala de informática, uma secretaria, uma sala de direção (com dois professores), uma sala de coordenação (com um professor) e orientação, uma cozinha com refeitório, quadra coberta, dois banheiros e áreas externas com plantação de legumes, verduras e chás em canteiros de horta. Por ser escola de campo, entre seus projetos está o da horta e trabalho com mudas, a partir de parceria com incubadora da UFSM, para plantio de árvores silvestres, como informou a coordenação da escola.

A respeito dos conteúdos ministrados, a escola trabalha temas transversais na disciplina Projeto de Vida, nos anos finais do Ensino Fundamental, e também valores em Ensino Religioso, com interpretação de textos sobre amizade. Também entram na pauta escolar as diversidades étnicas e de gênero. Na maioria, os alunos se declaram brancos, mas são pardos. Outra esfera da escola é a administrativa. Na coordenação da escola, as professoras cedidas realizam pós-graduação para atender as áreas de gestão, recursos e prestação de contas da atividade escolar.

Em relação ao desempenho escolar, a direção da instituição afirma não constar dados da escola nos processos externos SAED/Ideb, pois a escola não participou dessa avaliação, como informa o PPP (2023, p. 4). Contudo, os índices de reprovação e evasão escolar são acompanhados. No período de pandemia, houve apenas um caso de evasão escolar, com aluno procurado e não encontrado. Outros dados, do programa “Avaliar é TRI”, mostram que a escola, em termos de recuperação e evolução das aprendizagens, chegou a um índice de 66% de acertos contra uma média de 81% da rede. Em toda a escola, apenas cinco alunos estão em séries não adequadas para sua idade. O programa “Avaliar é TRI” visa produzir indicadores para melhorar a aprendizagem dos alunos. Em 2023, 650 mil alunos participaram das avaliações do programa do governo do Estado do RS (SEDUC, 2023).

Nosso foco neste trabalho se deu sobre turmas e idades distintas. A faixa etária das turmas observadas situa-se entre sete anos (no caso do segundo ano) e dez anos (do quarto ano). A professora que entrevistamos lecionou para as séries finais do Ensino Fundamental, ou seja, do 6º ano ao 9º ano. Porém, na entrevista, nos detivemos a abordar apenas o 6º ano.

3 Embasamento Teórico

Seguimos a metodologia de Lakatos e Marconi (1996) para apresentar a estrutura metodológica desta observação. A estrutura de tópicos e o encadeamento estão de acordo com as autoras. Já a importância de se registrar a ação pedagógica consta na obra “Observação, registro, reflexão”, de Madalena Freire Weffort *et al.* (1996). De acordo com Weffort (1996), o registro da ação pedagógica traz possibilidade de reflexão, conscientização e revisão na ação pedagógica. “Este aprendizado do registro é o mais poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica e política do educador” (Weffort, 1996, p. 6).

Deste modo, o professor atuando como leitor, escritor e pesquisador consegue ler a realidade, aos outros e a si próprio. Entendemos que o discente precisa ter os olhos e os sentidos voltados para a atividade pedagógica. Ler a realidade dos outros e a si próprio implica ver o que está por trás de cada

estudante, apurando as necessidades e se reinventando a cada momento, a cada nova geração que surge. Isso implica ter muita paciência e compreensão. Em seu registro do fazer pedagógico, o escritor (a) recebe um aprendizado que “é o mais poderoso instrumento da construção da consciência pedagógica e política do educador” (Weffort, *et al.*, 1996, p. 6). A ação pedagógica traz consigo o viver pedagógico e a busca de significado, que com pressupostos teóricos e com um método de investigação científica abrem caminho para uma estrutura para dar forma ao conhecimento e transpor possibilidades para a realidade. O registro do fazer pedagógico permite questionar as hipóteses do pensar, guardar fragmentos do tempo vivido, as lembranças da história e o convívio entre professor e alunos.

A educação concebida dentro do espaço do leitor, educador e escritor, prescinde de uma nova alfabetização, pois o principal desafio é deixar para trás visões cegas, esvaziadas de significados para reaprender a olhar. Essa nova visão deve ir além da criação de ambientes e deve vir acompanhada de um espaço sistemático de acompanhamento e encaminhamento. De acordo com Weffort *et al.* (1996), há a prática estética e a prática reflexiva sobre a ação pedagógica. Dentro da prática estética, está a sensibilidade em perceber as linguagens verbal e não-verbal; ampliar referenciais, pessoas e culturas; aprender a fazer, ler, expressar, comunicar ideias e sentimentos no nosso fazer e do outro.

Já na prática reflexiva sobre a ação pedagógica é preciso aprender a pensar com o outro, a ler novas hipóteses na interação com o outro, aprender a escrever, organizar e confrontar as hipóteses com as do outro. Há a ação, a interação e a troca. O educador coordena a troca de conhecimento com o educando. Sem registro da reflexão e socialização da prática docente, somente na oralidade, a revisão e o resgate das lembranças não é possível. Por outro lado, com o registro e socialização da prática docente e o devido distanciamento do produto do pensamento, é possível revisar, corrigir, aprofundar ideias e aumentar o pensamento. “Sem sistematização deste sujeito refletido, não há apropriação do pensamento do sujeito-autor e, dificilmente, poderemos gestar esse educando alfabetizador” (Weffort *et al.*, 1996, p. 7). Na prática reflexiva sobre a ação pedagógica, a autora vai mais além e inclui o outro em todas as etapas da prática docente e de pesquisa. Assim, o processo de construção e de formar o educador envolve pensar e refletir sobre o saber. Junto com os conteúdos e a informação

CORONEL, C. S.

teórica vem o acompanhamento e reflexão. O resgate do pensamento do educando, o planejamento da informação teórica e acompanhamento da reflexão sobre a prática instrumentalizam o sujeito que produz conhecimento (sujeito cognitivo), vive em grupo (sujeito social) e mobiliza sensibilidade, com sentimentos (sujeito afetivo). “Não formaremos este educador alfabetizador simplesmente como ‘praticadores’ de ambientes alfabetizadores” (Weffort, *et al.*, 1996, p.8). Há que se tecer uma teia entre os alunos, as lembranças, o educador e a memória. O aluno deve pensar no que aconteceu. As lembranças devem ser resgatadas, associadas e apropriadas. Na memória, deve estar a consciência histórica, política e pedagógica do pensamento, teoria e prática. Por sua vez, o educador deve ser melhor hoje e instrumentalizar a criação, o sonho e a invenção. Formar bons leitores e escritores requer atenção ao seu processo de aprendizagem (olhar, escutar e se entender enquanto sujeito desse processo de ensino) e não que sejam desapropriados do seu pensamento e reflexão.

Não fomos educados a olhar o mundo, a realidade e a nós mesmos. Um olhar baseado em estereótipos produziu paralisia, fatalismo e cegueira. Presenciamos diversas interações ao longo do tempo com base nos estereótipos. Com eles fica mais fácil julgar, mais fácil encapsular em uma identidade pré-moldada. Assim, as pessoas são separadas iguais aos pacotes nas prateleiras. O ser humano é mais complexo do que uma mercadoria. “Educador ensina a pensar, pensando” (Weffort, *et al.*, 1996, p. 21). É preciso ver o outro de uma forma holística, com um todo. Para ver o outro como ele é, é preciso a escuta, o silêncio. Ver e ouvir implica entrega ao outro.

Em um plano geral, a pergunta leva ao saber. Na reflexão, aliada à teoria, o conhecimento será ampliado. “Os pensamentos que emergem da reflexão devem nos levar para a transformação dos desejos, opções, história” (Weffort, *et al.*, 1996, p. 39). Seguindo, a reflexão é o processo de formação do educador. Refletir é o instrumento do pensar do educador e o pensamento é o sujeito de sua prática. Registros e reflexões são instrumentos de construção de mudança e apropriação de sua história.

Segundo Weffort *et al.*:

O professor (orientador ou supervisor), tem seu espaço de registro, reflexão, concretização de seu pensamento no diário. Registro de sua prática cotidiana, avaliação e planejamento de sua ação, junto aos seus educandos: crianças, adolescentes ou adultos (Weffort *et al.*, 1996, p. 42).

O diário é o espaço para o registro, reflexão e concretização do pensamento e da prática cotidiana para avaliação e planejamento. Um exercício de ações para objetivar, sintetizar e trabalhar a construção do texto, do pensamento em um cotidiano disciplinado, muitas vezes solitário, mas que para Weffort *et al.* (1996), evita a vagabundagem do pensamento. A escrita e a reflexão rompem “a cinestesia do cotidiano alienante” (Weffort, et al., 1996, p. 44). Nesse sentido, educadores em formação podem trabalhar o resgate do processo de resgate do pensamento como sujeito-escritor e produtor de linguagem escrita.

4 Apresentação dos Dados e sua Análise

Trazemos aqui nossos procedimentos e olhar sobre as turmas durante a observação do 2º e 4º ano do ensino fundamental. Seguimos a sugestão da escola e começamos pelo 4º ano. Como foi oferecido ver outra sala, ficamos durante dois períodos no 4º ano e mais dois períodos no 2º ano. Acompanhe abaixo nosso relato.

Durante a observação, no quarto ano, a professora estava ditando aos alunos informações sobre os biomas para nomearem cada comunidade de plantas e animais, ao final das sentenças. A professora disse que os pais desses alunos esperavam ver conteúdos no caderno, por isso estava passando a matéria em voz alta para copiarem. Enquanto escreviam, os alunos se manifestaram várias vezes ou por estarem atrasados, por não entenderem as palavras ou fazerem comentários com o que estava sendo dito. Na palavra arroio, entenderam arroz. Por isso, revelaram-se, alguns deles, como filhos de plantadores de arroz.

Quando a professora ausentou-se da sala por alguns instantes e a observadora questionou sobre o que gostavam mais na escola, afirmaram ter mais apreço ao Elefante Letrado, um software do Estado que permite a leitura de livros com atividades pedagógicas. Durante a observação, a educadora relatou ter

CORONEL, C. S.

exibido documentários sobre biomas, falou da horta e do empenho cultural da escola, com apresentações artísticas e culturais.

Durante a visita escolar, foi oportunizada a observação à turma do segundo ano, pelo perfil diferente. Além de serem mais novos, havia dois autistas na sala, um deles com cuidador. A professora estava passando um conteúdo sobre a divisão dos meses do ano em 31, 30, 29 ou 28 dias no quadro verde. Em seguida, a partir do equipamento de Smart TV disponível na sala, a professora exibiu um vídeo sobre o tempo dos relógios, mostrando os diferentes tipos de relógios (água, sol, areia, ponteiros, digitais, de pulso). Assim, enquanto as crianças assistiam ao vídeo, a professora nos passou o caderno do aluno autista mais inquieto. Ao examinar o caderno, percebemos atividades especiais para desenvolver a parte motora. Também observamos a habilidade do aluno em resolver contas matemáticas e a escrita ainda se firmando, com traços finos. Logo que o vídeo foi exibido a aula foi concluída.

Percebemos um desgaste maior da professora do 4º ano para ditar o conteúdo se comparada a professora do 2º ano naquele dia, mesmo com os alunos autistas. Apesar de ainda não estarmos no mercado de trabalho, percebemos nesse período de estudos que a prática educacional dispõe de uma série de possibilidades e, em um mundo tecnológico, a sala com menos recursos acaba limitando as opções para o professor lecionar. Porém, de nada adianta a tecnologia se o professor não souber utilizá-la como inovação. Não bastam os recursos tecnológicos, é preciso conhecer os recursos disponíveis para aproveitar todo o potencial desses meios.

5 Entrevista

Fizemos a observação antes da saída para o período de férias de inverno, e como as condições climáticas eram de chuvas intensas, realizamos a entrevista com a professora das séries finais do Ensino Fundamental, de Língua Portuguesa, à distância, por meio de aplicativo de comunicação móvel ligado à internet. No quadro abaixo, podem ser vistas as perguntas que nortearam nossa entrevista e que foram solicitadas pela disciplina.

Quadro 2 - Perguntas para o professor de língua portuguesa

Há quanto tempo você leciona a disciplina de Língua Portuguesa?
Qual é a sua formação?
Após a graduação, houve outros investimentos na sua formação?
Na sua sala de aula, como os alunos se distribuem, como circulam pelos espaços, como se comportam no decorrer das aulas? Realizam atividades em grupo?
De que forma a disciplina é estabelecida no cotidiano escolar (número de períodos)?
Como ocorrem as práticas de leitura e escrita durante as aulas?
Há adesão às atividades?
Gostaria de saber mais sobre a exposição didática e sobre as estratégias para a apresentação dos materiais didáticos utilizados. De que forma os alunos utilizam e interagem com os materiais didáticos apresentados por você?

Fonte: Disciplina de Prática Pedagógica e Seminário Integrador I

Nesta entrevista, seguimos um roteiro básico de perguntas sugerido em “Prática Pedagógica e Seminário Integrador I”. A professora é formada em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa, e depois que concluiu o ensino superior não realizou mais cursos. Ela conta que antes ministrava aulas de inglês e por último só as de Língua Portuguesa. Procuramos saber há quanto tempo a professora leciona Língua Portuguesa. Atualmente está aposentada.

Em relação à distribuição dos alunos na sala de aula, a professora explicou que preferia a disposição tradicional das classes. Ela não gostava do formato em U, pois deste modo os alunos conversavam mais. A professora diz que gostava do silêncio quando estava explicando e se os alunos não respeitavam, ela chamava à “razão”. Não perguntamos o que isso queria dizer, porém entendemos que se trata de algo sério, no sentido de chamar a atenção. Ao mesmo tempo, não gostava de constranger os alunos. Quando percebia que algum deles não queria ler em voz alta, chamava-o para fora da classe e pedia que lesse. Se lesse corretamente, ela sabia que a vergonha era porque os colegas riam dele. “Não queria constranger os alunos”, afirmou a professora.

Sobre as práticas didáticas, os conteúdos seguiam um contexto. As informações não eram passadas soltas, como antigamente. Ela relatou que muitos assuntos não estavam nos planos, e quando percebia, preparava os alunos para os

CORONEL, C. S.

conteúdos que vinham depois do ponto onde estava ou retomava as matérias de antes, se notava que os alunos estavam sem base. Segundo ela, é preciso estudar mais do que é passado na escola, pois nem tudo está sendo ensinado. “O português da escola é muito fraco”, falou. Ela cita o caso das alunas que se preparavam para a escola militar e que precisavam fazer um curso à parte de Língua Portuguesa. “Falta conteúdo na BNCC. Os materiais de 3º e 6º ano não encaixam”, argumenta a professora aposentada logo após a entrevista.

Nosso referencial teórico chama a atenção para o modo como vamos registrar. A reflexão sobre a prática pedagógica é uma oportunidade para o educador se tornar também autor. “Sujeito alienado do próprio pensamento torna-se um mero copiador da teoria dos outros” (Weffort, et al., 1996, p.7). Em outras palavras, de nada adianta registrar a história sem uma sistematização. Um exercício metodológico proposto por Madalena Freire é observar, registrar, refletir, avaliar e planejar. A socialização da reflexão sobre a prática com distanciamento permite prever, corrigir, aprofundar ideias e ampliar o pensar.

Outra questão colocada pela autora é o uso de estereótipos e a paralisação do pensamento, pois um olhar cristalizado em estereótipos produziu paralisia, fatalismo e cegueira. É preciso ver e escutar o outro como ele é, chama a atenção a autora. “Em geral, não ouvimos o que o outro fala, mas sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido, imaginamos o que o outro está falando... Não partimos de sua fala, mas de nossa fala interna. Reproduzimos deste modo o monólogo que nos ensinaram” (Weffort, 1996, p. 10). A autora nos chama a atenção para ver e ouvir o outro e sair de si para ver o outro e a realidade sob o seu ponto de vista, sua história.

Reforçamos que o observador depende do seu olhar. Para Weffort é necessário treinar o olhar observador e saber o que se quer observar. Em uma observação, é preciso sair de si para colher os dados na realidade significativa e não na idealizada. Esse olhar deve ver as faltas e necessidades da realidade pedagógica, com foco na aprendizagem individual e coletiva, na dinâmica da construção do encontro e na coordenação de desempenho na construção da vida. Entre os pontos de observação possíveis estão o ritmo do grupo e se há algum mal-estar na aula e por quê? Por isso, Weffort diz que observar uma situação pedagógica com

a finalidade de ser iluminada por ela é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la. Não é invadir, sem marcar encontro, sem pauta e sem planejamento. Não é vigiar, e sim fazer uma vigília por ela. Por isso, a necessidade do método e do foco da observação, sem interferência a quem está sendo alvo da observação, da investigação e da pesquisa.

6 Interpretação dos Resultados

Partindo de nossa hipótese básica - a educação associada à reflexão de sua prática relacionada à formação permanente do professor - percebemos que toda a observação pode enriquecer a prática docente. Mesmo nas séries iniciais, é preciso que o professor mantenha o seu diário de anotações e de atividades realizadas para que possa avaliar os alunos e a si mesmo. No caso do quarto ano, os alunos com mais dificuldades de acompanhar os demais colegas no momento de copiar poderiam levar tarefas para casa e assim treinar a escrita e o ritmo. Isso já ocorre na sala de aula do segundo ano, onde os alunos autistas levam atividades para casa para fazerem com o acompanhamento dos pais.

É possível que, quando chegar a nossa vez de ocupar a cadeira da docência, possamos anotar o plano de aula, sua execução e como poderíamos transformá-lo a partir de uma reflexão sobre ele. Neste momento, cremos que os dados são insuficientes para validar a hipótese de maneira mais contundente, e assim validar a teoria.

Quanto à entrevista, percebemos o cuidado da professora, ao prever as dificuldades que os alunos poderiam ter no 6º ano e, por isso, antecipava ou retomava conteúdos para os ajudarem. Mesmo com seu esforço, admitiu limitações, pois os conteúdos que são passados na escola ainda ficam aquém do esperado em cursos como o da escola militar. A professora mostrou preocupação com a disciplina dos alunos dentro do que Madalena Freire Weffort afirmou ser importante fazer uma vigília pelos alunos. Ou seja, não basta se preocupar apenas com o conteúdo, mas também com o aluno, e como esse conteúdo vai ajudá-lo ou não em sua vida.

7 Conclusões, Recomendações e Sugestões

Creemos que a possibilidade de acompanhar a sala de aula, por si só, é uma conquista, uma vez que ultrapassamos um período de pandemia e estamos em um curso a distância no qual pudemos acompanhar as atividades de uma escola presencialmente. Ao mesmo tempo, a observação passiva não nos permitiu alcançar o propósito último da reflexão da prática docente, pois a prática não foi nossa. Ao mesmo tempo, estamos aprendendo as primeiras lições do que será essa prática. “Este aprendizado do registro é o mais poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica e política do educador” (Weffort, 1996, p. 6). O simples registro nos dá a oportunidade de refletirmos sobre o que está sendo feito e como poderíamos fazer melhor. Assim, pudemos observar as atitudes das professoras e dos alunos. Acreditamos que no quarto ano, se houvesse algum tipo de interação tecnológica, poderia tornar o ditado mais prazeroso e menos desgastante para a professora. Por exemplo: áudio, vídeo ou projetor. No caso da segunda série, nos parece que os recursos disponíveis foram suficientes para que a turma pudesse assimilar o conteúdo naquela classe em que acompanhamos. Os alunos autistas são um desafio para os professores, e os cuidadores são essenciais para que a aula possa fluir e o restante dos alunos, não-autistas, possam estudar e aprender em harmonia.

A entrevista mostra-nos a preocupação da professora de Língua Portuguesa com os conteúdos ensinados nos anos finais do Ensino Fundamental. Isso nos mostra o papel fundamental que os pais têm como tutores ao complementar os conteúdos da escola. Pena que nem todas as famílias pensam deste modo, e muitos jovens não podem continuar os estudos, por falta de consciência das famílias, que cedo incentivam os filhos a somente trabalhar e ganhar dinheiro. Assim, acabam abandonando a escola. Como professores devemos nos questionar qual sociedade e futuro queremos para nós e para as futuras gerações com que estamos convivendo ou vamos conviver na sala de aula e na vida.

Como citar este artigo?

CORONEL, C. S. Observação e Prática Docente: Primeiros Passos. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 22, n. 1, p. 38-57, 2023.

Referências

CARDOSO, Adriana Gustavo. Disciplina de Prática Pedagógica e Seminário Integrador I. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2023.

ESCOLA ESTADUAL “Arroio Grande”. Projeto Político Pedagógico - PPP. Santa Maria, 2023.

IBGE. Jaguarão. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/>>. Acesso em 12 de ag. de 2023.

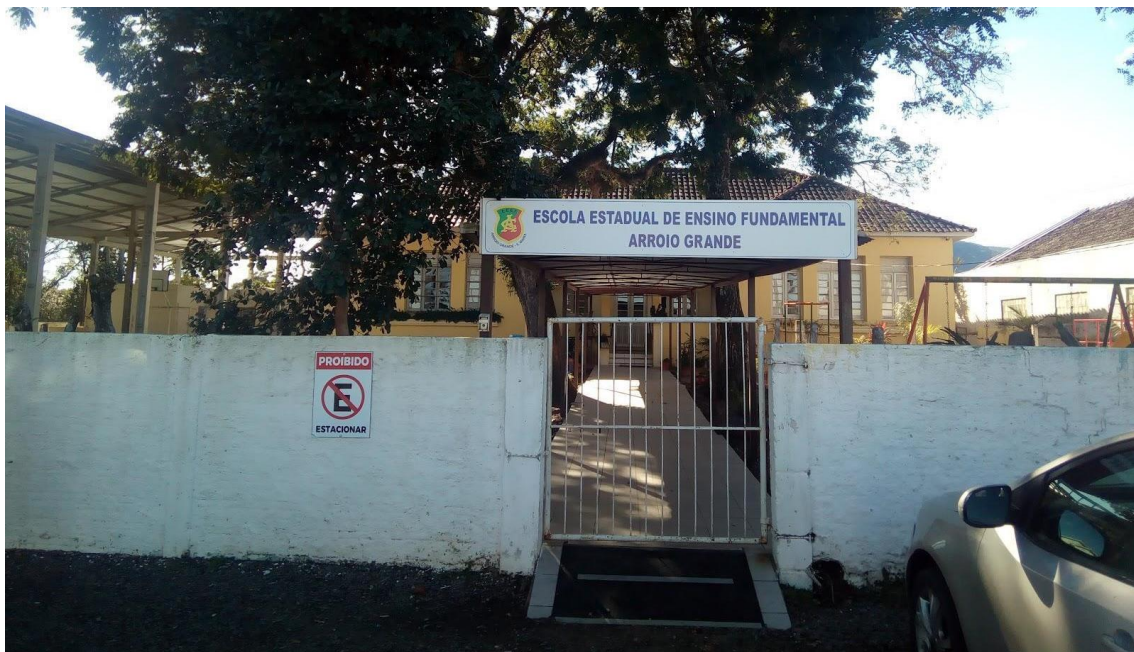
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo, Atlas, 2003.

SEDUC. Cerca de 650 mil estudantes participam da primeira avaliação diagnóstica “Avaliar é Tri RS” de 2023. Disponível em <<https://educacao.rs.gov.br/cerca-de-650-mil-estudantes-participam-da-primeira-avaliacao-diagnostica-avaliar-e-tri-rs-de-2023/>>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras Português - Licenciatura a Distância. Jaguarão, 2023. Disponível em <<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/llpead/ppc/>> Acesso em 12 de ag. de 2023.

WEFFORT, Madalena Freire; CAMARGO, Fatima; DAVINI, Juliane; MARTINS, Mirian Celeste. Observação, registro, reflexão – Instrumentos metodológicos I. 2ª ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

Anexos



Fachada da Escola de Ensino Fundamental Arroio Grande. Fotos: Carolina Spillari Coronel

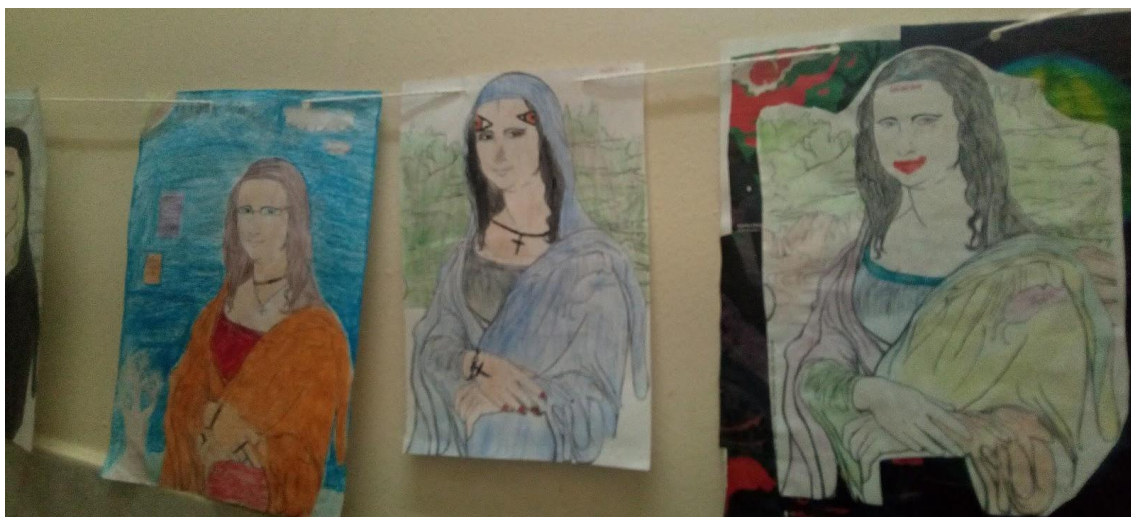


OBSERVAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE: PRIMEIROS PASSOS

Entrada da Escola Arroio Grande, inaugurada em 13 de novembro de 1940, sob a denominação de Escola Rural André Pozzobon

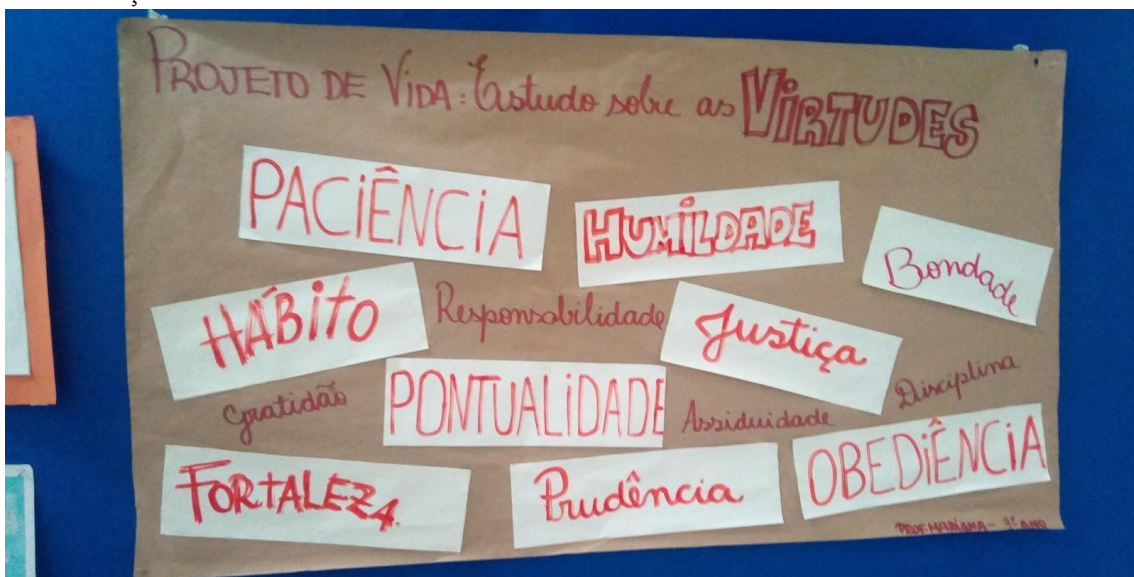


Quadra de esportes da escola: cobertura e quadra



Sala de aula da escola: uma das seis disponíveis para o Ensino Fundamental

A arte estimulada na escola: Gravuras dos alunos nos corredores



As virtudes são trabalhadas na disciplina Projeto de Vida



Autora de livros infantis santa-mariense faz visita à escola e leva suas obras



A escritora, professora e doutora Maria Rita Py conversa com os alunos em Arroio Grande